

## O CASO SPOTLIGHT

# "Chegou a hora de sair do meu esconderijo emocional"



**BOB SHERMAN** O agora embaixador dos EUA em Portugal foi um dos advogados das vítimas do escândalo que inspirou "O Caso Spotlight"

*O embaixador dos EUA em Portugal foi, quando era advogado, uma peça fundamental na história que denunciou os abusos sexuais por membros do clero em Boston, retratada em "O Caso Spotlight", vencedor do Oscar de Melhor Filme. Resistiu a ver o filme, mas aceitou fazê-lo na passada sexta-feira numa sessão privada em Lisboa. E contou ao "Expresso" que chorava "todas as noites" depois de conversar com as vítimas*

O convite partiu de um amigo de longa data. O advogado Pedro Rebelo de Sousa desafiou Bob Sherman, o embaixador dos Estados Unidos em Portugal, a ver pela primeira vez "O Caso Spotlight" e a falar da sua participação nesta história perante uma audiência de sócios do escritório de advogados do irmão do Presidente eleito, clientes e membros do corpo diplomático de vários países. É Walter Robinson, o editor da equipa Spotlight que denunciou as histórias de abusos sexuais por padres de Boston, quem, num email enviado a Pedro Rebelo de Sousa, descreve o papel de Sherman nesta história:

"Em 2001, quando começámos a investigar o abuso sexual de crianças por padres católicos, fomos contra uma parede. Os responsáveis da Igreja não atendiam as nossas chamadas. As vítimas estavam relutantes em falar. Os padres que sabiam o que se tinha passado tinham medo de falar. Muitos advogados que tinham representado vítimas que fizeram acordos com a Igreja mantinham a boca fechada". Quando o jornalista telefonou a Bob Sherman, este empenhou-se de imediato em ajudar. "Ele e o seu sócio [Eric MacLeish] tinham representado muitas das vítimas uma década antes. (...) Sentiu que o problema era muito mais extenso do que os casos que a sua firma tinha gerido. Estava desejoso de nos ajudar a encontrar a verdade."

Apesar de ter contribuído para tornar possível a investigação do "Globe" e de ter negociado as indemnizações de quase uma centena de vítimas, Sherman resistiu sempre a qualquer reconhecimento público do seu papel. A primeira vez que o fez foi em janeiro, à revista "E", depois de Robinson ter contado a um jornalista do Expresso que o atual embaixador dos EUA em Lisboa tinha tido um importante participação naquela história.

Sherman também evitou ver o filme, para não resgatar memórias das histórias dilacerantes que ouviu. Na passada sexta-feira, decidiu que estava hora de "sair do seu esconderijo emocional". Viu o filme, falou da sua participação nesta história e conversou um pouco com o Expresso sobre um dos períodos mais difíceis da sua vida.



**PLATEIA** Depois de ver o filme, o atual embaixador dos EUA em Lisboa falou sobre o seu papel nesta história

**Esta história começa quando ainda exercia advocacia. Foi o Eric MacLeish, advogado de algumas vítimas de abusos sexuais por membros da Igreja quase uma década antes da investigação do "Boston Globe", que o convidou para trabalhar com ele. Como é que se conheceram?** Fomos colegas no curso de Direito e ficámos amigos. Depois de nos licenciarmos, fomos trabalhar para escritórios de advogados diferentes mas fizemos muitos casos juntos. Mais tarde fui para o gabinete do Procurador-Geral [do Massachusetts, em Boston] e foi durante esse período que o Eric recebeu a primeira chamada de uma vítima de abuso sexual, que, curiosamente, ocorreu na parte portuguesa de Massachusetts, Fall River. Ficou conhecido como o caso do padre Porter. Depois desse caso, e quando estava para sair do gabinete do Procurador-Geral, ele perguntou-me se eu gostaria de trabalhar com ele aceitei. Entre os casos que trabalhámos estavam esses de abusos sexuais por membros do clero.

**Quantos casos mediaram?**

Centenas. Assim que saiu a história principal, em janeiro de 2002, mais de 500 vítimas assumiram terem sido abusadas. Nós lidámos com 350, 360 desses casos, não sei precisar o número ao certo.

**Nunca sentiu que, ao intermediarem acordos entre as vítimas e a Igreja, estavam a contribuir para silenciar o problema?**

Os acordos não eram uma escolha nossa. O nosso trabalho como advogados é apresentar aos clientes os obstáculos legais e as opções que eles têm. São os clientes que depois tomam essa decisão. [Ir para tribunal] não era o que nos nossos clientes queriam. As pessoas não queriam falar publicamente sobre os abusos de que foram vítimas, não se sentiam seguras. Depois, nessa altura, havia grandes barreiras legais. Os prazos de prescrição para estes crimes eram muito curtos. Outra limitação era a imunidade das instituições de caridade como a Igreja [que limitava as indemnizações que as vítimas podiam receber em julgamento]. Um tribunal podia determinar uma indemnização de um milhão de dólares e a vítima ficava com zero. Era uma luta. A minha obrigação ética era muito clara. Não podia dizer que um cliente meu foi sexualmente abusado por um padre se ele não queria assumi-lo.



**DESAFIO** Sherman foi convidado pela Sociedade Rebelo de Sousa e Advogados Associados a falar do seu envolvimento no famoso caso de pedofilia na igreja denunciado pelo "Boston Globe"

### **Era natural que não o quisessem fazer?**

Deixe-me ser muito claro: era muito difícil para as vítimas que foram violadas por um padre assumi-lo publicamente. Nessa altura, muitas ainda se sentiam envergonhadas pelo que aconteceu, não queriam que os seus casos fossem públicos. Estavam a debater-se internamente para perceber como deviam lidar com isso. Eram casos emocionalmente muito complicados e, ao mesmo tempo, nós, como advogados, tínhamos obrigação de sigilo profissional. O que percebemos com o tempo foi que, quando um caso tem atenção pública, ajuda outras vítimas a contarem as suas histórias. Quando ocorreu o caso do padre Porter, algumas pessoas começaram a assumir as suas histórias e procuravam advogados que eram familiares com esses casos. Depois, com os trabalhos do "Boston Globe", houve um boom de vítimas que se deram a conhecer.

**Boston era uma comunidade fortemente católica. É verdade que Eric MacLeish, quando falou publicamente dos primeiros casos de abusos, teve ameaças de bomba e precisou, a dada altura, de andar com guarda-costas?**

Certamente ao início. Não era uma tarefa fácil enfrentar uma instituição tão estabelecida como a Igreja Católica. Uma das nossas preocupações era que as pessoas pudessem querer culpar os advogados por considerarem que estes estavam a atacar a Igreja. Por isso, sempre deixámos claro que não era isso que estávamos a fazer. A Igreja Católica tem feito coisas maravilhosas. Não houve nenhuma instituição na história que alimentou mais gente e deu abrigo a mais pessoas pelo mundo fora do que a Igreja Católica. O que estávamos a fazer era trazer justiça para um grupo de vítimas. Estávamos a representar pessoas que tinham sido molestadas por uma minoria de pessoas irresponsáveis e más. Não eram casos sobre a religião, eram sobre as falhas de homens dentro de uma instituição.

## Porque é que só agora quis ver o filme?

Quando negociámos as indemnizações para as vítimas, em 2003, ouvimos as histórias de cada uma delas. Entre 1 de novembro e 15 de dezembro fiz a arbitragem de 90 casos, dois por dia. E chorei todos os dias. [Eram] histórias de pessoas e de famílias desfeitas. Quando acabei a última arbitragem, numa noite fria e escura a meio de dezembro, saí para a rua, comecei a falar com uma das minhas colegas mais novas sobre o que tínhamos de fazer para acabar o trabalho e comecei a chorar histericamente. Percebi nessa altura o fardo emocional que aquela tragédia humana representava para mim. Decidi que não iria querer ter nada a ver com livros ou com filmes.



**AMIGOS** Bob Sherman mostra a Pedro Rebelo de Sousa o livro que inspirou o filme "O Caso Spotlight", autografado pelo jornalista Walter Robinson

### Mas acabou por colaborar neste filme.

Sim. Cerca de 10 anos mais tarde recebi uma chamada do Walter Robinson, o Robby [o editor da equipa Spotlight, que investigou o caso]. Ele disse-me que duas pessoas, o Tom MacCarthy [realizador de "O Caso Spotlight"] e um produtor, queriam falar comigo. Estavam a pensar fazer um filme e não tinham a certeza de qual tinha sido o real papel do [Boston] Globe naquela história. Eu aceitei falar com eles porque tenho um enorme respeito pelo Walter Robinson, ele foi um verdadeiro herói, e porque acredito que este trabalho dos repórteres do Globe representa o melhor do jornalismo. Foram eles que montaram o puzzle da história e eu tive um papel nisso. O realizador e o produtor vieram ter comigo ao meu escritório e falámos durante três horas. A dada altura, pediram-me para lhes contar um par de histórias de abusos. Comecei a contar e desatei a chorar outra vez, 10 anos depois. Percebi que ainda estava dentro de mim. Em agosto, o Robby mandou-me o trailer e depois perguntou-me se o tinha visto. Disse-lhe que não e que provavelmente também não veria o filme. Não estava certo que não fizesse ressurgir algo que estava fechado cá dentro.

## Porque mudou de ideias?

Achei que tinha chegado a hora de sair do meu esconderijo emocional. Um dos líderes do grupo de vítimas ligou-me na Sexta-Feira Santa de 2002 e desde então liga-me todos os anos nesse dia.

Recentemente mandou-me um email. Ainda não tinha visto o filme, disse-me que o veria um dia. E eu respondi-lhe que também o iria ver um dia. Hoje é esse dia.

## Gostou do filme?

Gostei muito, embora ache que os sotaques de Boston podiam ser melhores. Há também uma razão para ter ganho o Óscar de Melhor Filme e não de Melhor Documentário. Não é um relato histórico. Algumas personagens são compósitos [várias personagens combinadas numa só], o que torna difícil retratar a complexidade da situação enfrentada por muitos na altura. A vida real foi muito mais complexa. Mas fico muito feliz por este filme fazer justiça a alguns verdadeiros heróis nesta história.